

AS CONDIÇÕES DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO NO DISCURSO DO CORPO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE

Silvana Maria de Barros Santos ¹
Samuel Barbosa Silva ²

INTRODUÇÃO

O interesse pelo discurso sobre o corpo feminino partiu de questionamentos sobre esse assunto. Nesse sentido, pode-se dizer que o adoecimento ou o prazer do corpo está relacionado com as consequências da história do sujeito, suas relações afetivas e sociais.

Diante disso, o interesse é ampliar a discussão sobre o tema. Pois, pretende-se tentar compreender a influência do discurso da mídia no comportamento feminino em relação ao corpo, a idealização dos padrões estabelecidos pela sociedade para que se tenha um corpo magro, musculoso e a dificuldade que muitas jovens sentem em seguir esse padrão que se estrutura a partir de uma submissão do sujeito à lógica da mercadoria e que o leva a medidas extremas para que possa ser belo ou ter um corpo perfeito.

Desse modo, é importante compreender esse marketing de vivências corporais através de produtos ou procedimentos de beleza que passa de uma estética para funcionar como uma ética feminina que se traduz a partir da constituição desse sujeito histórico como resultado de uma formação ideológica sobre a estrutura psíquica do sujeito e sedimenta-se como discurso.

Não esquecendo que o corpo feminino, nos dias presentes, representa na estética da contemporaneidade um ícone do consumismo e da exposição midiática

¹ Mestra em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Psicóloga com formação em Psicanálise pela Sociedade psicanalítica do Recife, filiada à IPA. Professora de Psicologia da Educação e Educação Infantil no Centro Universitário Cesmac.

² Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, Especialista em Gestão Escolar, Professor do Núcleo de Ensino a Distância da UPE.

que se revela na apresentação de uma mulher magra, musculosa em que as academias, alimentação light e suplementos são parte primordial do processo.

O DISCURSO DO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

Pode-se dizer que a questão do corpo na sociedade contemporânea se define como midiático, estampado nos meios de comunicação como um produto valorizado e significativo na sociedade atual. Diante disso, é possível salientar que este corpo em questão se torna também narcísico por cultuar princípios como o individualismo, o imediatismo e a ilusão onipotente que são típicos da contemporaneidade e que tentam transformar o corpo em uma perfeição delineado pelos progressos tecnológicos da medicina estética e cirúrgica, cujas consequências serão provindas dessas características para reformulação da relação entre sujeito e corpo.

Atualmente, na sociedade em que vivemos, o indivíduo vive suas experiências, negando seus conflitos emocionais, em defesa do pensamento de que tudo é efêmero, ocorrendo, assim, o esvaziamento da subjetividade, a dificuldade em cuidar de si, que se resume no aparecimento de novas doenças da alma com a dificuldade e a incapacidade de representações psíquicas.

Evidenciando, com isso, a dificuldade de o indivíduo contemporâneo ter a liberdade de suas escolhas e, principalmente, o discernimento no cuidado de si mesmo, continuando assim a acatar padrões e normas ditados por uma sociedade-espetáculo que robotiza o humano e o fragiliza em seus desejos.

Nesse sentido, o valor do corpo na sociedade atual não tem só como significado um depósito de emoções não digeridas que pode causar assim enfermidades psíquicas, mas também um padrão de beleza cultuado por uma classe dominante e instigado por uma indústria de consumo que transforma o corpo em um mera mercadoria.

Diante desse contexto, Florêncio et al. (2009, p.63) afirma que

consideramos o discurso como práxis, pois, produzido nas relações sociais, em determinado momento histórico, pelas necessidades impostas na produção e reprodução da existência humana, traz em si o histórico e o ideológico, próprios da relação.

Portanto, pode-se dizer que as mídias sociais ao expor um corpo magro e sarado ressaltam um discurso em que se produz sentidos, pois o sentido de uma palavra ou imagem é determinado pelas posições ideológicas que cada sujeito ocupa dentro de um contexto histórico e social.

A CONSTITUIÇÃO DA FEMINILIDADE

As questões relativas à constituição da feminilidade, a esse reconhecimento do ser mulher, participar de uma vida social e de produção mais significativos surgiram com mais ênfase na Europa do século XIX, pois muitas transformações ocorreram e proporcionaram os progressos científicos, tecnológicos e sociais que possibilitavam à mulher mudar seu destino através de suas conquistas políticas, sociais e econômicas.

Tais mudanças foram sedimentadas em uma formação educacional mais aprimorada que a habilitou profissionalmente e a integrou ao mercado de trabalho. A partir da transformação do papel feminino, começou a ser construída a noção de feminilidade que configura a mulher em sua dimensão psíquica, social e biológica.

Pode-se dizer que diante das conquistas femininas, a feminilidade passa então a ser mais bem assimilada, inclusive pelos estudos psicanalíticos. Nota-se que o discurso sobre a mulher não estava mais restrito a um comportamento materno, infantil e passivo socialmente aceito na época. Começava a surgir a histeria como patologia feminina que representava, segundo as concepções freudianas, um papel de rebeldia que renegava ou transgredia essa posição passiva e materna, apresentando uma pessoa singular e com desejos, mas que inscrevia suas dores e frustrações no corpo.

Entretanto, a constituição da feminilidade se sedimenta através de duas importantes situações vividas pela mulher ao longo de sua vida. A primeira que se constitui através do envolvimento da menina com sua mãe desde os estágios precoces do seu desenvolvimento infantil e que passa pela fase edipiana tanto na infância como na adolescência.

Nesse sentido, pode-se acrescentar o que Freud escreveu no artigo “A Sexualidade Feminina” (1931), O psicanalista sustenta que o desligamento entre mãe e filha é fundamental para que a menina se torne mulher, conquistando sua independência e não mais se sentindo fusionada com a genitora. Essa separação é essencial como as referências parentais para a construção da identidade sexual e afetiva feminina e a complementação do ciclo edipiano.

A segunda situação está configurada na relação que a mulher tem com seu corpo, pois ao mesmo tempo este corpo representa uma forma de ser e estar no mundo.

Nesse caso, pode-se afirmar que essa segunda constituição da feminilidade está mais presente no pensamento feminino ainda hoje, porque é possível considerar que algumas mulheres vivem uma dicotomia entre ser representada por um corpo que se constitui como continuação da sua identidade. Tal representação tem como regra uma ornamentação com grifes de roupas, sapatos, procedimentos cirúrgicos e dermatológicos que podem representar a dificuldade feminina em lidar com a feiura, as formas desproporcionais e o envelhecimento, de um lado, e que, por outro lado, no quesito ser mãe, a representação de ser mulher é ser protetora, doce e se entregar ao seu bebê como se se constituíssem em uma só pessoa e pudessem assim se desenvolver.

Enfim, é bom assinalar que essas duas proposições definem a mulher e de, certa forma, estão inter-relacionadas, pois constituem sua inscrição como ser humano na contemporaneidade.

A ANÁLISE SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NO DISCURSO DO CORPO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE

Evidentemente, é importante frisar que o ser mulher, sua feminilidade com o desenvolvimento dos seus afetos e seus aspectos inconscientes se interligam à própria história social e ideológica do papel da mulher através dos tempos.

Segundo Del Priore (2013), a sociedade resolveu adotar uma verdadeira sacralização dos corpos femininos dentro de um contexto que abarca uma tríade

beleza-juventude-saúde. Diante disso, há todo um investimento e consumo de produtos que façam a mulher de hoje alcançar esse padrão de “corpo perfeito”.

Nesse caso, é possível considerar que esse corpo trabalhado passa a ser um instrumento de consumo e de classe, pois não é só necessário ter o capital para investir em produtos que auxiliam na construção desse corpo perfeito, mas sim compreender o sujeito, suas relações de sentido e, principalmente, o sentido desse discurso sobre o corpo perfeito como ideal de consumo nos dias atuais. Esses dizeres que se configuram a partir de dizeres ou mensagens que são transmitidas e que seus efeitos de sentido determinam ideologicamente uma situação, num dado momento.

É o que afirma Magalhães (2005) ao considerar que o discurso materializa o sujeito como um ser social que possui um lugar-social e discursivo- determinado dentro de uma sociedade de contradições. No entanto, é importante frisar que nas formações ideológicas, discursos produzem sentidos e procuram velar os conflitos e as contradições, a partir das posições assumidas pelo sujeito do discurso em um dado momento histórico e social.

Diante disso, é possível considerar que numa sociedade de classe, o discurso dominante, através dos mecanismos linguísticos, produz efeitos de silenciamento, em um jogo que o não-dito não é explicitado ou compreendido e fortalece uma lógica capitalista que se sedimenta na negação das contradições e desigualdades sociais. Nesse sentido, as mídias sociais como *facebook* e *instagram* podem ser consideradas mecanismos linguísticos, só que virtuais.

Diante disso, é interessante constatar que todo esse investimento midiático sobre a figura feminina e sua relação com o corpo é social, inconsciente e histórico, sendo assim contraditório e conflituoso o discurso sobre o corpo feminino.

Del Priore (2013, p.240) afirma ainda:

que esse culto ao corpo é instigado por uma indústria de consumo que formaliza “um corpo de classe” que se caracteriza como um corpo que possui um capital para poder frequentar academia, utilizar produtos dietéticos ou de fitness, enfim um corpo com condições para se apropriar de todo esse aparato que resulta em condições ideais para a lógica capitalista. Os que não podem investir no corpo, se transformam em renegados ou doentes pela falta do capital em adquirir produtos que possam contribuir

para a melhora da estética do corpo ou por não terem, metabolicamente, um corpo magro e sarado que possa ser chamado de seu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível considerar duas situações significativas ao analisar as condições das relações de produção no discurso do corpo feminino na contemporaneidade dentro de um contexto peuchetiano e da psicanálise: a primeira é o desvelar da articulação entre sujeito histórico, social e ideológico em um dado momento, que se sedimenta na própria história da mulher na civilização desde os tempos em que ela era considerada inferior ao homem até a evolução do seu papel social no século XIX e XX.

Pode-se dizer que antes o foco feminino era a sua limitação intelectual e sua condição de ser reprodutora. Hoje, são os ditames de uma sociedade espetáculo que determinam o corpo desejável para a mulher através das mídias sociais. Nesse caso, observa-se que em ambos os momentos históricos, a mulher continua refém da sociedade, quer dizer, seu corpo continua aprisionado aos valores morais e sociais e submetido a uma lógica capitalista.

A segunda é a compreensão da influência das mídias sociais no discurso do corpo que enfatiza um “corpo de classe” que precisa ser investido pelo capital, tendo como consequência os excluídos desse nicho por não terem condições econômicas de consumir essa parafernália de suplementos, roupas, exercícios físicos, procedimentos cirúrgicos e dermatológicos; e outros que não conseguem atingir esse corpo perfeito por questões orgânicas, metabólicas ou até mesmo afetivas que resultam, muitas vezes, no adoecimento do corpo, os chamados transtornos alimentares.

Não esquecendo que nas contradições e conflitos no discurso sobre o corpo feminino na contemporaneidade há todo um movimento entre o dito e o não dito, quer dizer, a materialidade do discurso produz sentidos, pois descreve como o corpo se constitui em mercadoria, um objeto de consumo em que se valoriza o padrão de beleza estabelecido e os benefícios estéticos oferecidos por uma sociedade

industrializada, mas que exige seguidores dispostos a se submeterem a um objeto espartano para alcançar seu objetivo.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel (Org.). *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.
- _____. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CORBIN, Alain (Org.). *História do Corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. v. 2.
- COUTINHO, Ângela. A escuta analítica, o corpo e a contemporaneidade. *Revista Tempo Psicanalítico*, v. 40, n. 2, Rio de Janeiro, 2008.
- DEL PRIORI. *Histórias e Conversas de Mulheres*. São Paulo: Editora Planeta, 2013.
- FLORÊNCIO, Ana Maria Gama(Org). *Análise do discurso: Fundamentos &Práticas*. Maceió: Edufal 2009.
- FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria. In: *Obras Completas*, v. 2, 1895.
- _____. Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise: conferência XXXII – Feminilidade. In: *Obras Completas*, v. 22, 1932.
- _____. Três Ensaio sobre a Sexualidade. In: *Obras Completas*, v. 7, 1905.
- _____. *Mal-estar na civilização*. Disponível em: <http://cei1011.files.wordpress.com/2010/04/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2013.
- _____. *Inibição, Sintoma e Ansiedade*. In: *Obras Completas*, vol 20, 1926.
- HERNANDES, Nilton. *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização- uma análise semiótica*. Maceió: Edufal, 2004.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamento do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- KRISTEVA, Júlia. *As novas patologias da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- MAGALHÃES, Belmira. *As marcas do corpo contando a história: um estudo sobre a violência doméstica*. Maceió: Edufal, 2005.
- MARIANI, Bethania. *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 2009.

_____. À Flor da Pele: Indivíduo e Sociedade. In: *A Escrita e os Escritos: Reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006.